

PROGRAMA WAIMIRI-ATROARI
Convenio FUNAI/ELETRONORTE

EDUCACAO INDIGENA

UMA EXPERIENCIA ENTRE OS

WAIMIRI-ATROARI

MARIA CARMEN REZENDE DO VALE

Coordenadora do Subprograma de Educacao

Manaus, Julho de 1994

EDUCAÇÃO INDÍGENA UMA EXPERIÊNCIA ENTRE OS WAIMIRI-ATROARI

Os Waimiri-Atroari são um povo conhecido pela sua resistência em defesa de seu território, que desde o século passado vem sofrendo diversas invasões a saber: exploração de produtos extrativistas e mais recentemente a implantação de projetos governamentais (RR 174 e Usina Hidrelétrica de Balbina/UHEB) além de uma mineradora nos limites de seu território (Projeto Pitanga/Mineração Taboca).

Devido aos impactos da UHEB, que inundou uma parte de seu território, foi elaborado um programa de assistência e firmado um convênio entre a FUNAI e FIEFROFORTE. Esse programa foi denominado Programa Waimiri-Atroari e atua nas seguintes áreas: Educação, Saúde, Meio Ambiente, Apoio à Produção, Documentação e Memória.

O Subprograma de Educação desenvolve atividades há cinco anos tendo um projeto específico, diferenciado e intercultural respeitando as necessidades de educação escolarizada da comunidade.

A educação escolarizada Waimiri-Atroari é um processo dinâmico construindo entre comunidade e professores, que na sua quase totalidade são *Kaminja* (não índios). A alfabetização é realizada em língua materna, só posteriormente passando a aprendizagem do português escrito. O grau de bilinguismo é de 20% no total da população (596 em dez. 93) e todos são falantes da língua materna.

Este trabalho aborda os seguintes tópicos:

- I - Aspectos Culturais
- II - Educação Escolarizada na Área Waimiri-Atroari
- III - Desempenho e Perspectivas

Esta proposta educacional já alcançou resultados significativos: 19,9% dos alunos encontram-se alfabetizados, 18,4% semi-alfabetizados, 45,3% são alfabetizando e o restante, 16,4% na fase de pré-alfabetização.

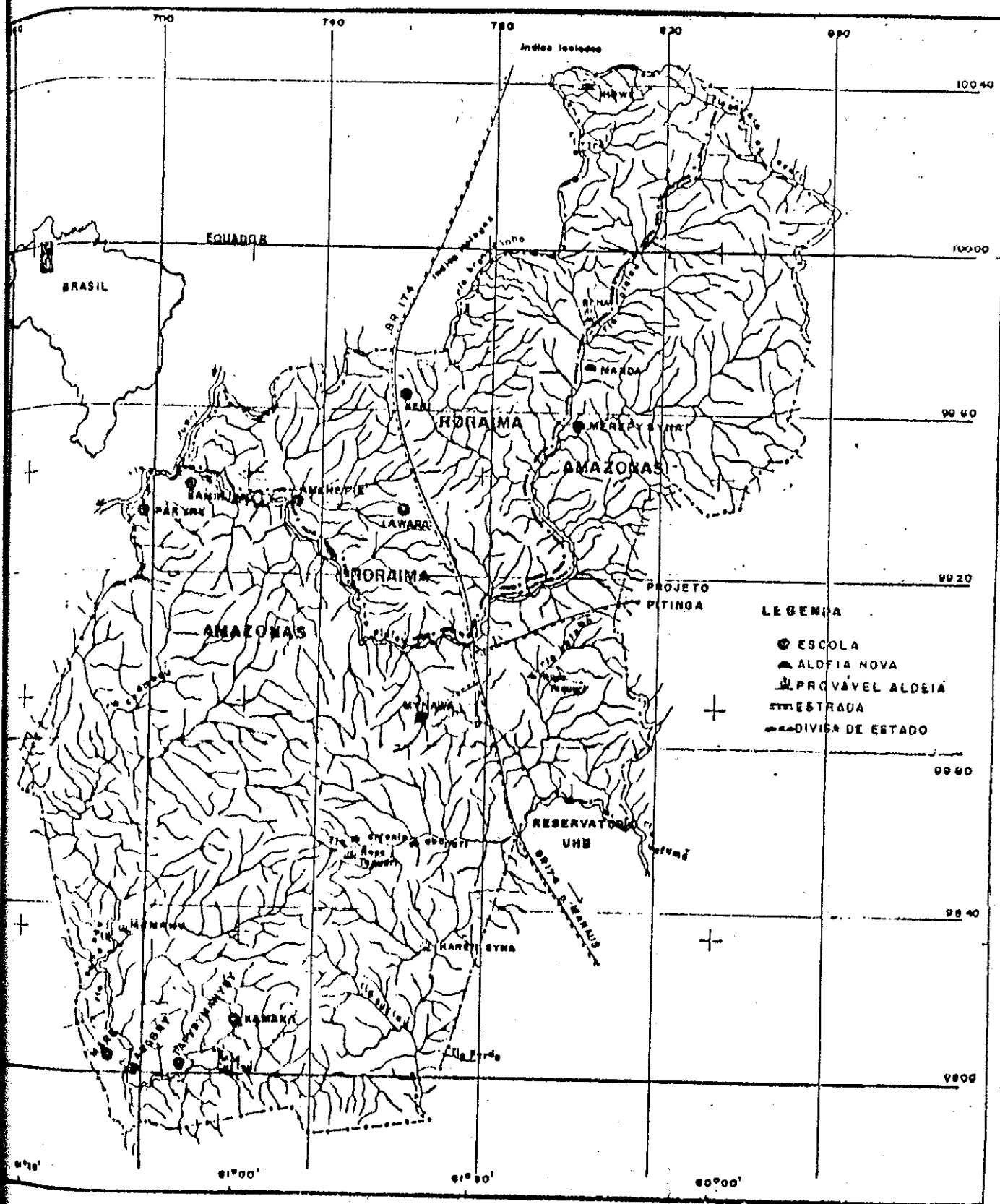
Mã Carmen Rezende do Vale
Coordenadora do Subprograma de Educação

Manaus, julho de 1994.

ÍNDICE

DISTRIBUIÇÃO FÍSICA DAS ESCOLAS NA ÁREA INDÍGENA WAIMIRI-ATROARI.....	01
I - ASPECTOS CULTURAIS.....	02
II - EDUCAÇÃO ESCOLARIZADA NA ÁREA WAIMIRI-ATROARI.....	03
1 - A Escola Waimiri-Atroari.....	04
1.1 - Funcionamento.....	06
2 - Metodologia.....	06
2.1 - Material Didático.....	06
2.2 - Avaliação.....	07
3 - Corpo Docente.....	07
4 - Corpo Discente.....	08
III - DESEMPENHO E PERSPECTIVAS.....	09
Glossário.....	11
BIBLIOGRAFIA.....	11
ANEXOS	
QUADRO DEMONSTRATIVO - ESCOLAS Nº ALUNOS/SEXO - GERAL	
QUADRO DEMONSTRATIVO - Nº ALUNOS/SEXO - ADULTOS E CRIANÇAS	
SITUAÇÃO DE HOMENS E MULHERES ALFABETIZADOS E SEMI-ALFABETIZADOS	
QUANTIDADE DE ALUNOS POR ALDEIA E ALFABETIZADOS POR ALDEIA	
COMPARATIVO POPULAÇÃO/ALUNOS/ALDEIA	

DISTRIBUIÇÃO FÍSICA DAS ESCOLAS ÁREA INDÍGENA WAIMIRI - ATROARI



Pertencentes à família Linguística Karib, os waimiri-atroari se auto denominam "kinja" nossa gente, nosso povo. Habitam região ao norte do Amazonas e sul de Roraima nas bacias dos rios Alalaú, Camanau e Curiau e as margens da Br. 174 que liga Manaus a Boa Vista, cortando seu território numa extensão de 119 km.

Três grandes projetos atingiram seu território tradicional: construção da Br. 174 (1968), Projeto Pitinga/Mineração Jaboca (1980) e UHE Balbina (1987). Apesar dos impactos sofridos não se renderam e continuam defendendo seu território, hoje demarcado e homologado pelo decreto Nº97.832 de 16/06/89 num total de 2.585,911 ha.

Vivem da caça, pesca e coleta de frutos silvestres. Cultivam roças coletivas e habitam malocas comunitárias de formato circular.

Os Waimiri-Atroari, como todo povo, tem seus próprios métodos para educar seus filhos dentro de uma perspectiva cultural que lhes é peculiar. Durante suas atividades cotidianas a educação se dá de forma lúdica, de acordo com a faixa etária e sexo do indivíduo em desenvolvimento. A mãe tem papel importante nos primeiros anos, aproximadamente até os 03 anos, no caso do menino até o ritual de iniciação masculina que também acontece próximo à essa idade. A educação das crianças é quase que exclusivamente responsabilidade da mãe. Após esse período inicial as crianças passam a ter mais contato com pessoas e atividades ligadas ao seu sexo, as meninas desde cedo (4/5 anos) cuidam de seus irmãos menores e ajudam em afazeres domésticos; a partir dos 12/13 anos, após o ritual da 1ª menstruação, são consideradas aptas perante a comunidade à constituir família. À mulher cabe a confecção das redes utilizadas principalmente nos partos e das pulseiras.

Os meninos acompanham as atividades masculinas aprendendo desde cedo a confecção dos artefatos. Um bom marido "kinja" tem que ser bom caçador, pescador e um bom artesão, uma vez que a maioria dos utensílios utilizados pelos Waimiri-Atroari, principalmente pelas mulheres, são confeccionados pelos homens. Assim meninos armados com suas miniaturas de arcos e flechas observam e acompanham toda coleta e preparo dos materiais utilizados na feitura dos artefatos no dia a dia, da cestaria as armas. Traço marcante na educação dos meninos são os rituais de iniciação chamados "behe" (acontece aproximadamente aos 3 anos) quando são reconhecidos como aptos para o longo aprendizado da sobrevivência, ao estando preparados para o casamento na adolescência quando mostram capacidade de auto-sustentação podendo assumir a responsabilidade de sua família.

da comunidade W.A. e a divisão do trabalho é basicamente determinada pelo sexo e pela etnia. Têm-se aí as caracterizadas formas de aprendizagem e conhecimento, esperanças de cada idade. O processo é contínuo e inadequado às necessidades básicas do indivíduo na comunidade. Necessidades essas colocadas em cheque a partir do contato com a sociedade envolvente que introduziu novas demandas ligadas ao modo de produção capitalista.

A comunidade reclama uma educação escolarizada dinâmica com informações capazes de subsidiá-la no contato interétnico cada vez mais intenso. A escola aí ganha sentido como espaço capaz de influir positivamente no trato de uma realidade emergente e mais complexa sem no entanto modificar formas tradicionais do saber e transmissão desse saber.

II - EDUCAÇÃO ESCOLARIZADA NA ÁREA WAIMIRI-ATROARI

Para falarmos da educação escolarizada na área W.A. é necessária uma retrospectiva dos processos educacionais anteriores ao PWA e ao Subprograma de Educação/GPE.

São três momentos distintos e importantes:

10) Setembro de 1985 a dezembro de 1986.

O casal de missionários do CIMI - Conselho Missionário Indigenista - Eydio e Doroti Schwade, iniciaram na aldeia Iawara um processo de alfabetização na língua materna, com sistema de escrita próprio utilizando o "método da palavrção, com base em palavras isoladas; dessas palavras desprendiam sílabas de interesse para exercitação de sons e letras" (Sher, 1989). Tinham os "kinja" como agentes do processo educacional e procuravam construir pela alfabetização a história recente dos W.A. Buscavam conscientizar os "kinja" da sua "nova" condição diante da sociedade nacional.

20) Outubro de 1986 a dezembro de 1988.

O casal de missionários do MEVA - Missão Evangélica da Amazônia - Joseph e Tamara Hill tinham conhecimento anterior da língua Waimiri-Atroari tendo elaborado uma descrição preliminar da fonologia dessa língua o que lhes serviu de passaporte para entrada na área W.A. onde continuaram seus estudos lingüísticos. Instalados na aldeia Iawara com objetivos nitidamente evangelizadores, todo material de ensino era confeccionado dentro de estratégias para a tradução do evangelho. Tentaram formar um pastor indígena através do informante que recebia educação especial na casa dos missionários. Utilizavam ortografia diferenciada da utilizada pelos Schwade. Empregavam o método da sentencição e o processo quantitativo identificando fonemas mais frequentes na língua W.A. Fazia parte de sua proposta educacional o ensino da matemática, do português oral, além da alfabetização na língua materna.

em março de 1987 a dezembro de 1987.

A linguista e antropóloga Ilaciro Silva que realizava pesquisas na aldeia Waimiri no 1.º Comando Interon no processo educacional por exigência dos "kinja", a ortografia utilizada foi a mesma dos Schwade. Essa atuação ocorreu em função de oferecer uma contrapartida imediata aos "kinja" que participavam da pesquisa.

As experiências com educação escolarizada ocorridas até então aconteceram de maneira descoordenadas e atenderam a objetivos vinculados as necessidades momentâneas sem o devido entendimento e questionamento da problemática relacionada a educação diferenciada. Ocorreram em apenas duas aldeias com metodologias e ortografias diferentes.

A elaboração de um sistema educacional unificado, específico e diferenciado ocorreu quando da criação do PWA em 1987, sendo a implantação do SPE iniciada em 1988. A partir desse momento a educação escolarizada foi gradativamente levada a toda a área W.A. utilizando a mesma ortografia em todas as escolas.

Diretrizes básicas foram adotadas e postas em prática. A alfabetização na língua materna era meta principal a ser atingida. Atualmente continua sendo prioridade, sem no entanto descuidarmos dos trabalhos relacionados aos alunos que se encontram em nível de pós-alfabetização.

O trabalho de educação junto aos W.A. desenvolvido a partir da criação do SPE foi marcado pela idéia de educação integrada às ações indigenistas. Procuramos através de uma reflexão crítica do papel do agente educador instalar uma educação que pudessemos reconhecer dialética, no sentido de estar sempre se modificando e absorvendo as demandas advindas do processo de contato estabelecido no decorrer das duas últimas décadas, tendo a história como referência. Assim nos preocupamos fundamentalmente em não estarmos criando mais uma forma de dominação através da escrita e sim, através do bilingüismo trilhar caminhos que não levassem a desagregação das formas do saber do povo W.A. Processo esse ligado a uma política indigenista que acreditamos visar a sobrevivência cultural e a coexistência respeitosa dos W.A. percebidos enquanto povo.

1. A Escola Waimiri-Atroari

Localizada dentro da aldeia a escola é construída pelos "kinja" nos padrões arquitetônicos locais sendo bem arejada e iluminada. Seu formato é circular a área ocupada e, em média, de 90 m². O piso é de cimento, única parte da construção em que há interferência do "kaminja", o perímetro é todo cercado por madeiras, com altura de 1,10m e espaçamento variando de 10 a 15 cm para impedir a entrada de cachorros e outros animais domésticos. A cobertura é feita com palha.

geralmente a palha seca ou "kamma" e a preferida por ser mais duradoura. Também utiliza-se o bambu e o balsa.

Atualmente existem 13 aldeias estabelecidas e 11 escolas em funcionamento na área W.A.

Eixo estrada: Escola Iawara (IA)
Escola Mynawa (MY)
Escola Xeri (XE)

Eixo Alalaú: Escola Amehepie* (AM)
Escola Kaminjanyty (KA)
Escola Paryry (PA)
(Alto Alalan) Escola Merepy Syna (ME)

Eixo Camanaú/
Curiaú: Escola Araby (AR)
Escola Mare (MA)
Escola Tapyrymanyny (TA)
Escola Kamaka (KK)

QUADRO Nº 01

DEMONSTRATIVO ESCOLA/Nº DE ALUNOS/SEXO

ESCOLA	Nº TURMAS	Nº ALUNOS	ADULTOS		CRIANÇAS	
			M	F	M	F
AMEHEPIE*	06	29	12	11	02	04
ARABRY	06	38	12	13	05	08
IAWARA	05	31	10	11	07	03
KAMAKA	03	45	15	15	07	08
KAMINJANYTY	05	26	08	07	07	04
MARE	06	46	17	15	08	06
MEREPY SYNA	06	25	10	10	02	03
MYNAWA	07	59	19	20	11	09
PARYRY	05	24	07	07	03	07
TAPYRYMANYNV	05	42	16	15	04	07
XERI	06	32	12	10	06	04
TOTAL	60	397	138	134	62	63

1.1 - Funcionamento

A escola funciona de acordo com a programação e calendário dos "kinja". Muitas vezes as atividades escolares são interrompidas devido a caçadas, pescarias e festas "marba". Podemos assim observar e incorporar atividades da comunidade no processo escolarizado. Não existe horário fixo para início ou término das atividades que são desenvolvidas tendo em vista o rendimento e interesse das turmas. As aulas acontecem de segunda a sexta-feira (inclusive feriados), sendo o final de semana reservado ao professor para que possa cuidar de seus afazeres, avaliar o rendimento da semana e elaborar o planejamento da semana seguinte.

2 - Metodologia

Em todas as aldeias o professor "kaminja" tem na verdade conhecimentos básicos da língua W.A., o "kinja iara", sendo capaz de realizar sua transcrição ortográfica. Através de temas de interesses dos "kinja" o professor, que domina o código escrito, inicia um processo de alfabetização na língua materna efetuando estudos de português oral durante essa etapa. Os alunos pós-alfabetizados iniciam seus estudos em português escrito, ao mesmo tempo que aprofundam os trabalhos com a primeira língua.

As atividades escolares são baseadas na troca de conhecimentos entre o professor "kaminja" e o aluno "kinja". Através desse intercâmbio torna-se mais fácil perceber e conhecer as necessidades educacionais, podendo o professor diagnosticá-las e atendê-las no momento em que elas surgem, tornando o aprendizado mais consistente.

O processo educacional é desenvolvido de maneira multidisciplinar. As etnociências (etnomatemática, etnohistória, etnogeografia, etnobotânica e etc.) compõe os temas geradores das atividades didático/pedagógicas.

O professor realiza seu planejamento com autonomia para desenvolver a dinâmica que melhor se adapta a localidade onde trabalha, levando em conta o calendário e a programação dos "kinja".

2.1 - Material Didático

O material didático é confeccionado a partir das motivações surgidas na comunidade, quase sempre com a participação dos alunos. São produzidos cartazes, fichas, murais, textos mimeografados, mapas e outros. Muitas vezes são utilizados

materiais retirados da natureza local, como madeira, pedras, cimento, pedras, solo, palhas, fibras, etc.

Textos de apoio com temas de interesse identificados em classe são compostos a partir da visão dos "kaminja" através da edição e distribuição desse material temos a oportunidade de promover uma interação entre as várias aldeias.

2.2 - Avaliação

A avaliação do desenvolvimento dos alunos dá-se com o acompanhamento sistemático do professor, observando o interesse e o conteúdo assimilado pelos educandos. Não há qualquer tipo de teste, somente a observação diária do aproveitamento dos alunos.

Com o objetivo de verificar se os conteúdos propostos são de interesse dos alunos e estão sendo assimilados realizamos essa avaliação contínua. Esse processo de avaliação abrange também os professores que fazem sua auto-avaliação considerando seu desempenho junto a comunidade, verificando se está trabalhando de forma participativa (com todo o grupo) e atendendo às necessidades a medida que estas vão surgindo.

Temos como experiência, no decorrer dos anos, a realização de Cursos de Capacitação para professores que tem apresentado sempre resultados positivos, uma vez que constituem-se em fóruns de debate e avaliação das ações desenvolvidas e métodos aplicados nas escolas W.A.

3 - Corpo Docente

Nosso corpo docente reveste-se de um caráter especial uma vez que somos levados a formar professores indigenistas. As barreiras iniciais tem sido normalmente superadas no período de estágio quando os professores "kaminja" tem a oportunidade de vivenciar durante um mês a cultura com a qual deverão interagir.

A maioria dos professores que atuam na área W.A. são "kaminja". A exigência mínima de escolarização é o 2º grau com preferência para a carreira do magisterio. Não obstante temos contado com a participação de profissionais de nível superior com formação na área de ciências humanas.

Temos observado com frequência o esgotamento da capacidade produtiva dos professores "kaminja", geralmente vindos de centros urbanos. O regime de trabalho desses professores tem

estado de emergência em campo por 04 dias de total ausência de condições de isolamento e a intervenção dentro de padrões culturais nesse período impunham um padrão de restrição responsável pela rotatividade nos quadros do IPI.

Atualmente três aldeias contam com "kinja" desenvolvendo trabalhos de alfabetização. Manifestaram-se devido a necessidade de dar continuidade às atividades escolares interrompidas pela ausência do professor "kaminja". São "kinja" já alfabetizados que estão repassando o conhecimento adquirido, principalmente, para as crianças. Esses "professores" organizam seus horários de aula dentro de suas atividades diárias não ficando prejudicados em seus afazeres. A alfabetização realizada na língua materna é mais um motivo para que os "kinja" assumam o processo educacional. Vale lembrar que durante a alfabetização o professor "kaminja" sempre contou com uma ou mais pessoas da comunidade que o auxiliam (e também o observam) nas aulas.

Consideramos que não devemos impor um professor "kinja". Acha-mos que eles mesmos terão que se organizar e perceber qual o momento de desenvolverem essa atividade nova dentro de sua organização social.

4 - Corpo Discente

A escola é um espaço aberto a toda comunidade. Todos acima de 04 anos frequentam a escola como alunos registrados e seu desenvolvimento é acompanhado sistematicamente. Crianças mais novas frequentam a escola, geralmente em companhia das mães ou dos irmãos mais velhos desenvolvendo atividades dirigidas a sua faixa etária.

Atualmente os "txamry" estão desistindo de frequentar as aulas. Como por exemplo nas escolas Arabry, Mynawa, Kaminjanyty e Mare. Eles usam o tempo que seria empregado na escola para outras atividades de seu interesse.

A maioria dos alunos está concentrada na faixa etária de 04 a 12 anos e representam 30% de um total de 397. A seguir apresentamos o quadro nº 02 onde temos o perfil do alunado discriminado por faixas etárias e sexo.

IDADE	SEXO		SUBTOTAL
	F	M	
04 a 06 anos	10	17	27
07 a 09 anos	12	27	39
10 a 12 anos	18	15	33
13 a 15 anos	18	08	26
16 a 18 anos	24	14	38
19 a 21 anos	15	20	35
22 a 24 anos	18	17	35
25 a 27 anos	19	15	34
28 a 30 anos	08	14	22
31 a 33 anos	04	12	16
34 a 36 anos	08	09	17
37 a 39 anos	03	03	06
40 a 42 anos	04	06	10
43 a 45 anos	02	06	08
46 a 48 anos	04	05	09
49 a 51 anos	00	03	03
Acima de 51 anos	10	09	19
TOTAL	197	200	397

III - DESEMPENHO E PERSPECTIVAS

Hoje em dia encontramos alunos em diversos graus de desenvolvimento. Temos alunos alfabetizados, semi-alfabetizados, em vias de alfabetizar-se e outros que tem o desenvolvimento mais lento e maior dificuldade na aprendizagem.

Os alunos alfabetizados são aqueles que dominam totalmente o código escrito, fazendo uma ligação entre a linguagem da leitura/pensamento. Os alunos considerados semi-alfabetizados são aqueles que estão em vias de decodificar os símbolos escritos e associam a escrita com os sons da fala, mas ainda não têm o domínio de todos os códigos, fazendo uma leitura silabada e sem sentido completo.

Os mais idosos "txamry", com pouco conhecimento do português são os que mais apresentam dificuldades no processo de alfabetização, não assimilam o conteúdo proposto estando muitos deles na fase da pre-escrita. Duas razões podem ser apontadas como causas das dificuldades no desenvolvimento: barreira linguística ou motivação (porque ou para que aprender a ler e a escrever?).

As turmas de crianças, até 8 anos, ainda não apresentam nenhum aluno alfabetizado ou semi-alfabetizado. As crianças W.A. sempre acompanham o pai ou a mãe em outra atividade. Isso não quer dizer que suas participações sejam menores. Todas as crianças manifestam o interesse nas atividades propostas, principalmente os da faixa etária entre 07 a 11 anos, onde encontramos alguns semi-alfabetizados.

A maioria dos educandos encontram-se a nível de alfabetização representando 45,3% do total de alunos. Desse total (327 alunos) 19,9% estão alfabetizados e 18,4% encontram-se semi-alfabetizados o restante 16,4% encontram-se na fase da pre-escrita sendo 14,4% crianças até 07 anos e 2% "txamry" com mais de 50 anos.

O fato de haver mais homens alfabetizados do que mulheres (77,1% homens e 22,9% mulheres) se explica através da necessidade que os homens tiveram de utilizar a segunda língua, tornando-se assim mais capazes de compreender as aulas ministradas por professores que inicialmente expressam-se a maior parte do tempo em português. São eles os que mais falam o português e portanto se comunicam mais com o "kaminja", sendo os agentes mais exigidos no contato com a sociedade envolvente. A parcela de alunos semi-alfabetizados é de 54,8% mulheres e o restante 45,2% homens. Isso revela um grande interesse e participação das mulheres nas atividades escolares. A maioria dessas mulheres alfabetizadas e semi-alfabetizadas são jovens e algumas ainda não tem filhos.

Esses primeiros anos de atividades nos fizeram perceber que apesar da escola ter encontrado seu lugar junto aos W.A., nos encontramos apenas no início de um trabalho que deve se prolongar por vários anos, até que possamos reconhecer resultados na conquista da prática da autodeterminação. O interesse pela educação escolarizada manifesta-se em todas as aldeias. Nossos esforços se orientam hoje para a capacitação de professores que nos permitam dar continuidade aos trabalhos sem perda de qualidade. Exigência essa observada como tônica da participação dos "kinja" nas aulas. Qualidade aqui entendida como

atuação do diretor, que apontam na direção de uma escola indígena específica e diferenciada, intercultural e bilíngue.

Os constantes questionamentos e aperfeiçoamento dos métodos e currículo aplicados, bem como o aprofundamento dos estudos lingüísticos ora em andamento contribuirão para a consolidação da escola W A.

Glossário

behe chicote ritual

kaminja não índio, "branco".

kinja auto-denominação Waimiri-Atroari

kramna palha caraná

marba festa ritual waimiri-atroari

txamry velho, idoso

BIBLIOGRAFIA

MEILÂ, Bartolomeu. Educação indígena e alfabetização. Edições Loyola. São Paulo, 1979.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. Diretrizes básicas para a política nacional de educação escolar indígena. 2ª ed. Brasília, 1994.

OPAH - Operação Anchieta. A conquista da escrita: encontros de educação de educação indígena. Iluminuras. São Paulo, 1989.

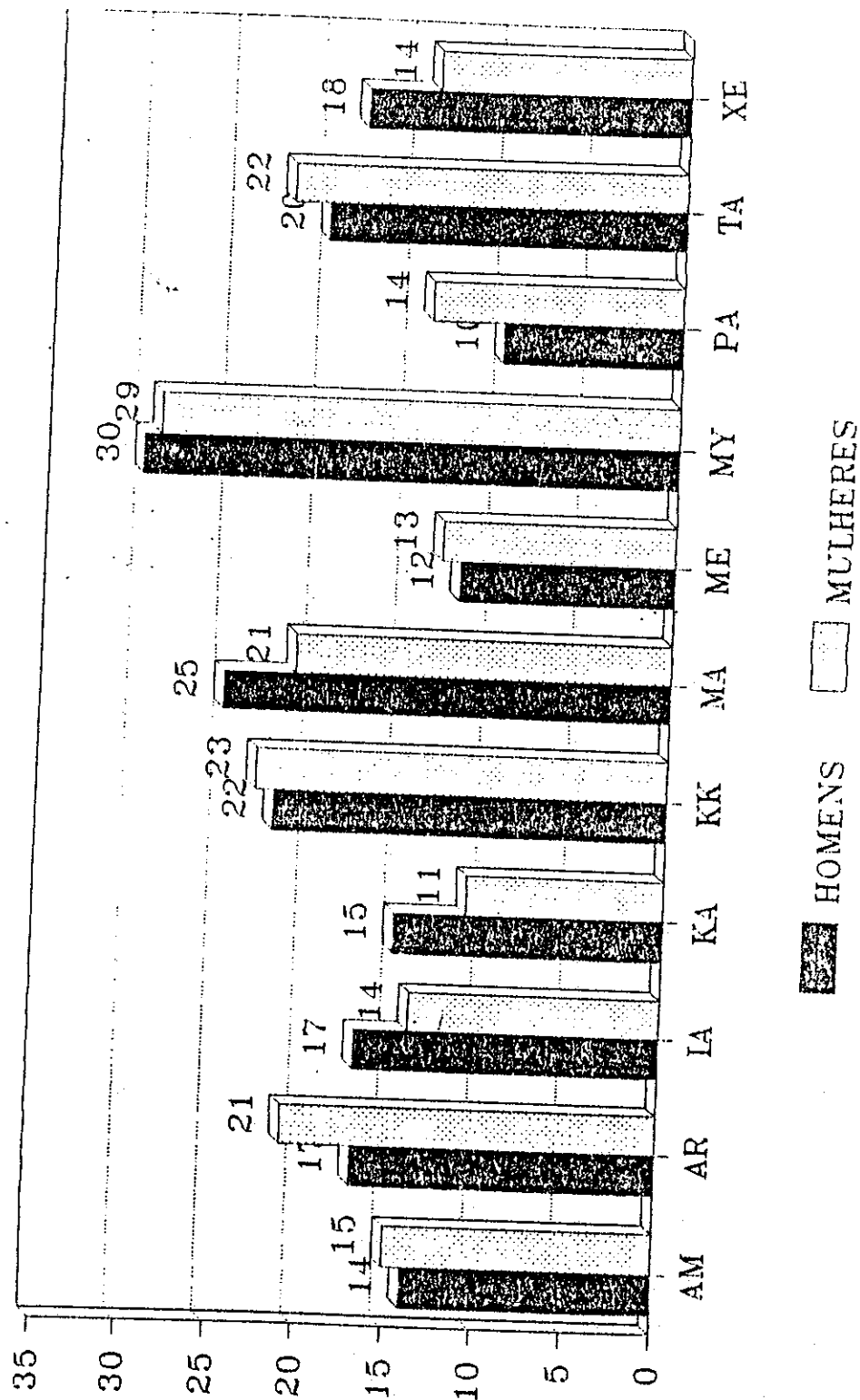
PORTARIA PP Nº1332/87. Ffaboração do Programa Waimiri-Atroari. Manaus, 1987.

SHER, Helmo Roque. "Relatório sobre Casa Hill". FUNAI. Brasília, 1989.

SILVA, Marcio F. Romance de primas e primos: uma etnografia do parentesco Waimiri-Atroari. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, 1993.

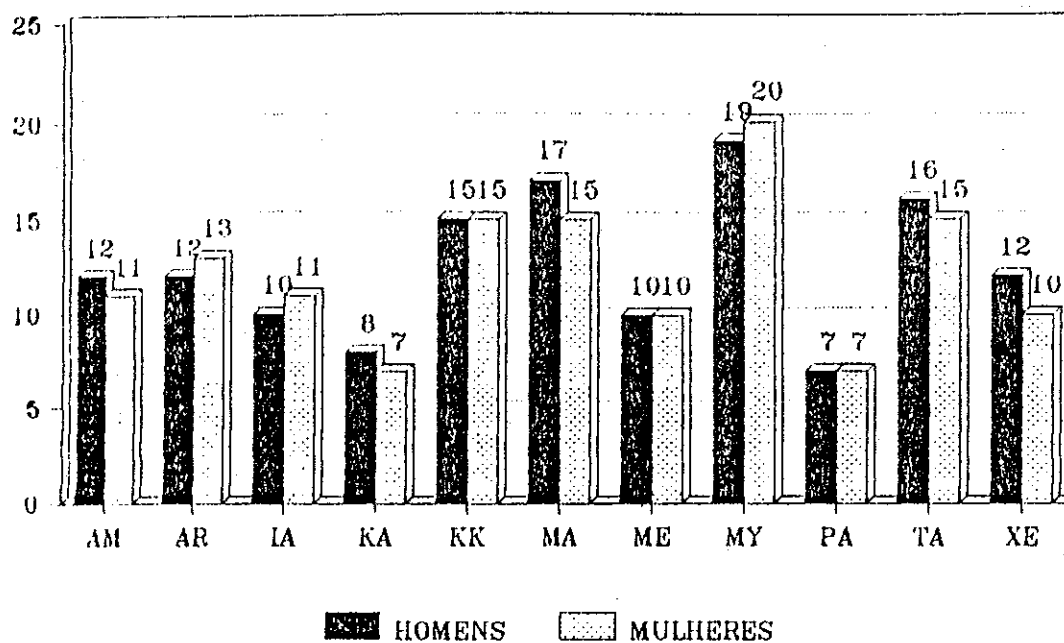
ANEXOS

ESCOLA N. ALUNOS/SEXO GERAL



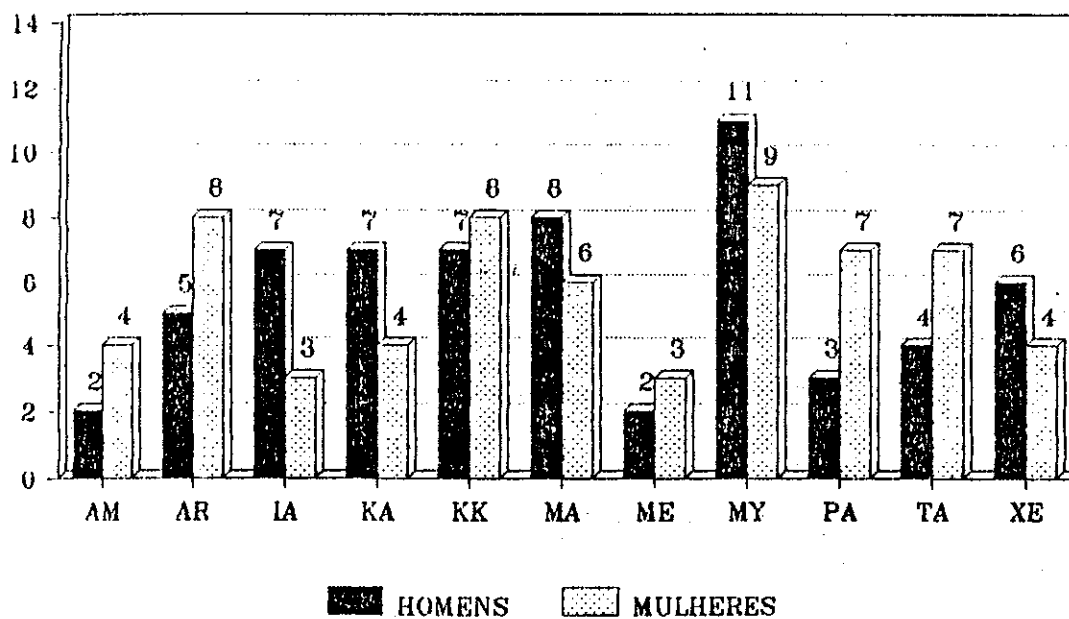
TOTAL = 397 ALUNOS (DEZEMBRO/93)

QUADRO DEMONSTRATIVO
ESCOLA N. ALUNOS/SEXO
ADULTOS



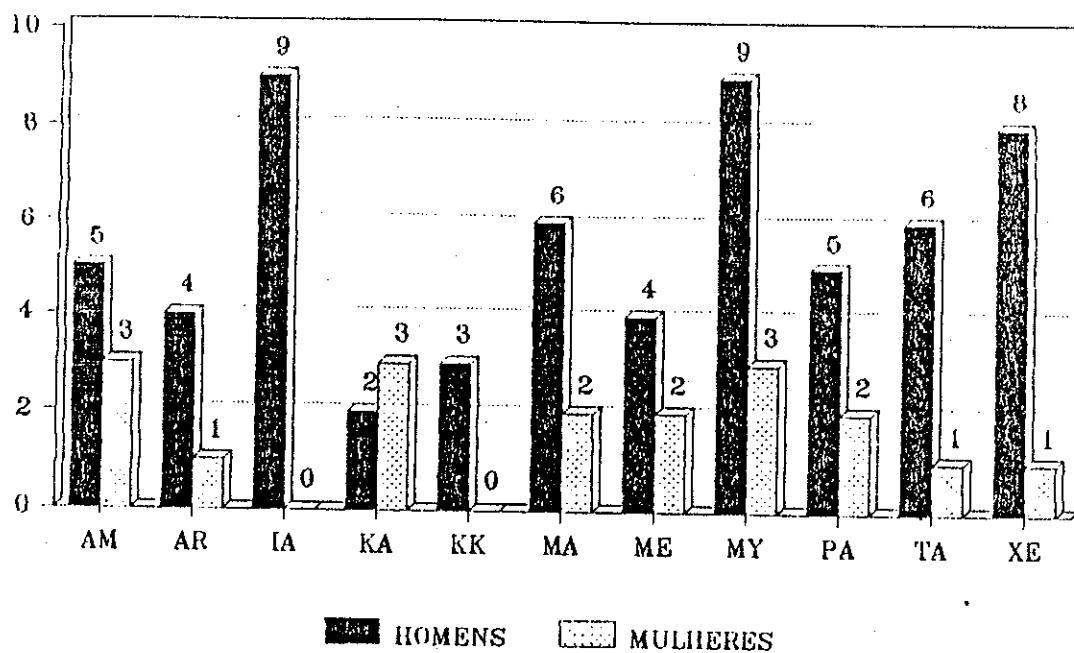
TOTAL = 272 ALUNOS (DEZEMBRO/93)

QUADRO DEMONSTRATIVO
ESCOLA N. ALUNOS/SEXO
CRIANÇAS



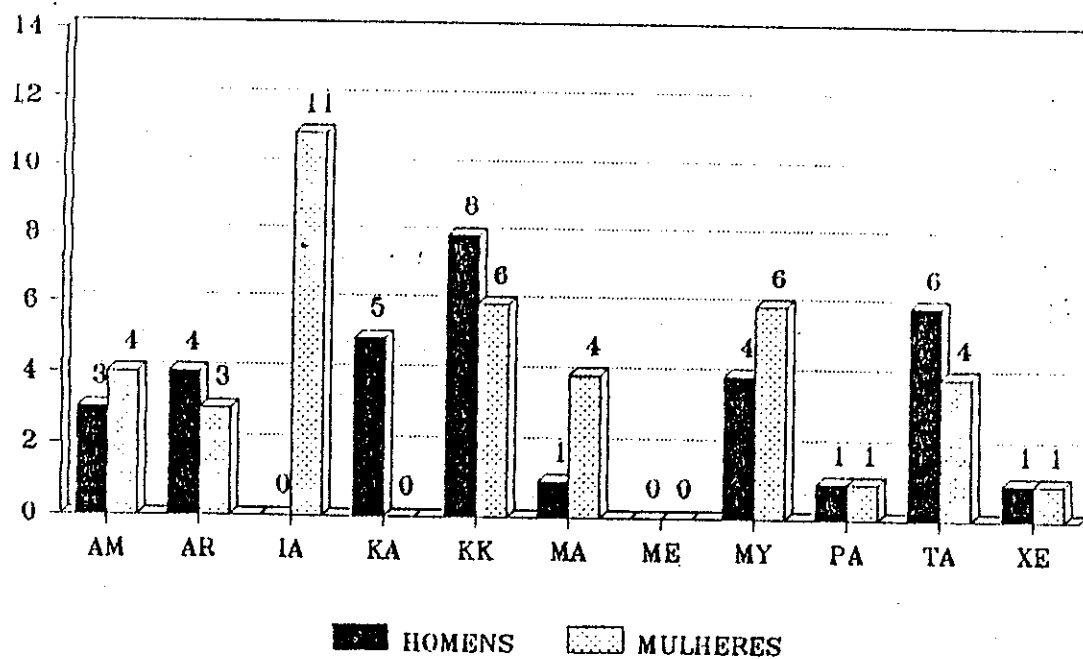
FAIXA ETARIA DE 4 A 12 ANOS
TOTAL = 125 ALUNOS (DEZEMBRO/93)

SITUAÇÃO DE HOMENS E MULHERES ALFABETIZADOS GERAL



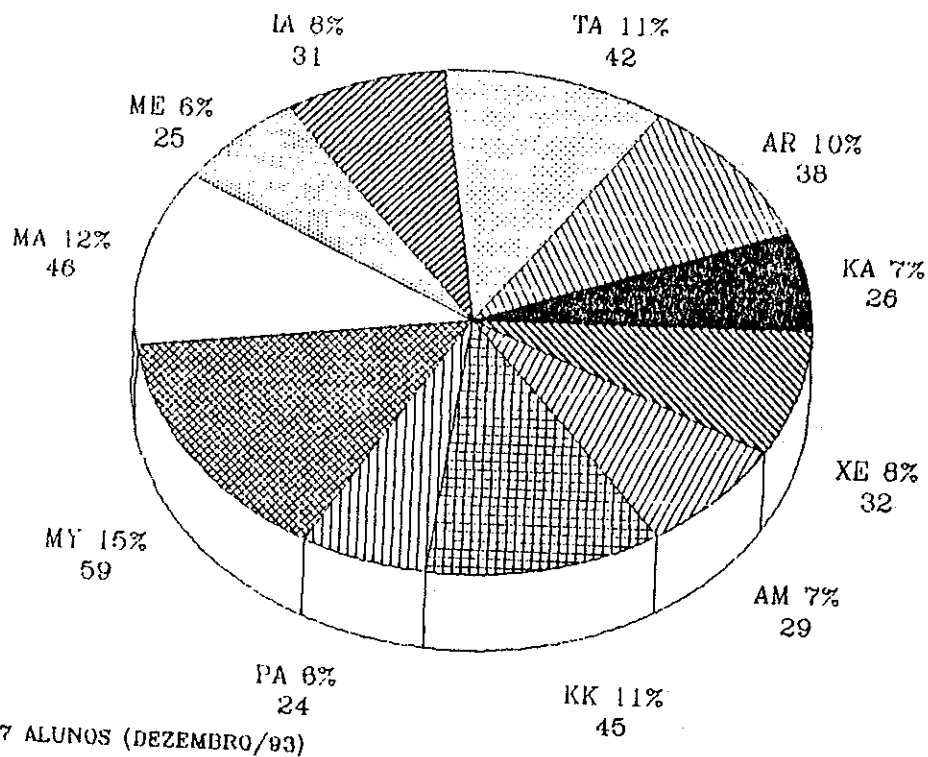
TOTAL = 79 ALUNOS (DEZEMBRO/93)

SITUAÇÃO DE HOMENS E MULHERES SEMI-ALFABETIZADOS GERAL



TOTAL = 73 ALUNOS (DEZEMBRO/93)

QUANTIDADE ALUNOS POR ALDEIA



ALFABETIZADOS POR ALDEIA

